

# **Projeto Portas Abertas: o ensino de português para migrantes e a educação como prática dialógica**

**Carolinne Mendes da Silva**

Responsável pela Frente dos Povos Migrantes

Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais – NTC/SME-SP

# RESUMO



O presente artigo resulta de algumas reflexões sobre o Projeto Portas Abertas: Português para Imigrantes no contexto do ano de 2021, a partir de conversas com professores(as), coordenadores(as) e diretores(as) de Unidades Educacionais - UEs que contam com o projeto. O Projeto Portas Abertas: Português para Imigrantes é uma iniciativa conjunta das Secretarias Municipais de Educação - SME e de Direitos Humanos e Cidadania - SMDHC, que existe desde 2017, mas que teve suas aulas interrompidas em 2020 em razão da pandemia de Covid-19. Este ano marca a volta do projeto e também a tentativa de fortalecê-lo por parte do Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais.

**Palavras-chave:** Projeto Portas Abertas; migrantes; ensino de português; educação para as relações étnico-raciais.

São Paulo é formada por pessoas de diversas nacionalidades e origens. Milhares de seus habitantes nasceram em outros países e traçaram trajetórias que são hoje parte da história paulistana. Pessoas que vivem, trabalham, estudam, se locomovem, pagam impostos, usam serviços públicos, frequentam espaços de lazer, conhecem outras pessoas, formam redes de sociabilidade... em São Paulo. Porém, algumas dessas pessoas nem sempre são reconhecidas por tantas atividades, sofrem com fatores, como o racismo, a xenofobia, o preconceito linguístico e dificuldades das mais variadas, desde conseguir regularizar seus documentos até acessar um trabalho decente, uma moradia digna, saúde e educação de qualidade.

A população migrante tem se mobilizado pelo reconhecimento de seus direitos e, desde 2016, por meio da Política Municipal para a População Imigrante - PMPI, a Prefeitura de São Paulo assume o compromisso de reconhecer os desafios na articulação de todos os setores públicos para que nossa sociedade se organize de forma a garantir justiça social e igualdade de direitos para todas e todos. Já na Primeira Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes, em 2014, migrantes e representantes da sociedade civil estabeleceram bases para um trabalho que teve continuidade com o Comitê Intersetorial paritário estabelecido em 2015 para a redação da lei.


Em 8 de julho de 2016, a PMPI foi sancionada na forma da Lei Municipal nº 16.478, com o objetivo de: garantir aos migrantes internacionais o acesso a direitos sociais e serviços públicos; promover o respeito à diversidade e à interculturalidade; impedir violações de direitos e fomentar a participação social. A lei criou também o Conselho Municipal de Imigrantes, espaço onde conselheiros e conselheiras da sociedade civil acompanham e propõem ações com representantes de cada setor estratégico da Prefeitura<sup>1</sup>. Primeira legislação do país a instituir diretrizes para políticas para migrantes em âmbito municipal, a PMPI inspirou a criação de legislação semelhante em outras cidades e estados, além de ser considerada uma boa prática por outros países, redes e organizações internacionais.

Em consonância com as diretrizes e paradigmas da PMPI, em 2017 foi criado o Projeto Portas Abertas: Português para Imigrantes em uma iniciativa conjunta das Secretarias Municipais de Educação - SME e de Direitos Humanos e Cidadania - SMDHC. Formulado entre os meses de janeiro e julho, o projeto foi instituído em agosto do mesmo ano pela Portaria Intersecretarial nº 002/SMDHC/SME/2017, como parte do processo de diálogo e atendimento das demandas das populações migrantes da cidade pelo poder público.

A criação do Projeto Portas Abertas envolveu o mapeamento da necessidade de

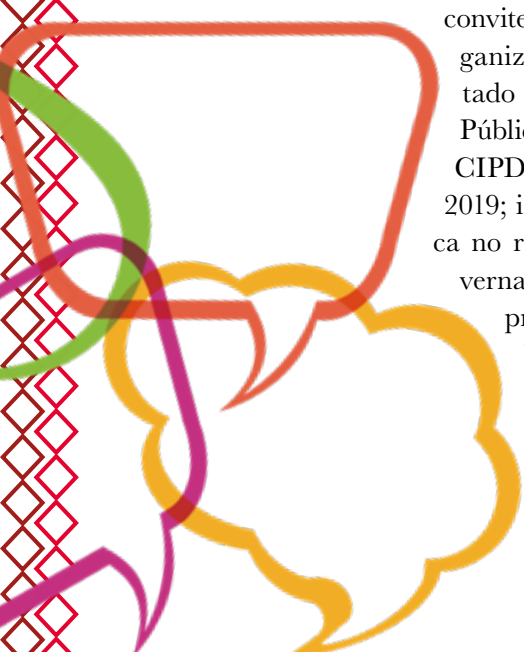
---

<sup>1</sup> A sociedade civil é representada por: oito membros da sociedade civil, eleitos dentro de três categorias: coletivos, associações e organizações de imigrantes; coletivos, associações e organizações de apoio a imigrantes e pessoas físicas imigrantes.



oferecimento de cursos de português nos diferentes territórios da cidade, dada a extensão geográfica e a distribuição da população migrante nas diferentes localidades. O projeto é o primeiro do poder público no Brasil que busca garantir o ensino de português para migrantes como política pública, de forma contínua, capilarizada e gratuita, dentro da estrutura física e de recursos humanos da Rede Municipal de Ensino. Sua constituição envolve a compreensão de que a certificação e o desenvolvimento de competências linguísticas são essenciais para a inserção dos(as) migrantes na cidade. Ainda assim, na perspectiva do projeto, o ensino de português às populações migrantes deve proporcionar um acolhimento que não descarta as línguas já faladas, mas proporciona a aprendizagem do idioma local como elemento facilitador de convívio e desenvolvimento nesse ambiente.

O Projeto Portas Abertas: Português para Imigrantes já recebe um reconhecimento internacional e nacional de política pública. Nesse sentido, foi apresentado no Congresso Internacional, em Buenos Aires, sobre Ensino de Língua de Resiliência, a



convite da British Council (organizador), em 2018; foi apontado no Catálogo de Políticas Públicas Locais Inclusivas da CIPDH-UNESCO, no ano de 2019; indicado como boa prática no relatório “Migration Governance Indicators – MGI”, projeto que indica as áreas bem desenvolvidas das estruturas de governança migratória das Cidades de São Paulo, Acra (Gana), Montreal (Canadá), desenvolvido pela Organização para

as Migrações - OIM e a Unidade de Inteligência da The Economist, em 2019; destacado também como boa prática migratória local no processo de certificação “Migracidades – Aprimorando a Governança Migratória Local no Brasil”, desenvolvido pela Organização Internacional para as Migrações - OIM e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em 2020<sup>2</sup>.

Em 2020, as atividades do projeto foram paralisadas devido à pandemia de Covid-19, que causou a interrupção das aulas presenciais na Rede Municipal de Ensino. Nesse contexto, deu-se continuidade ao projeto por meio de outras frentes: a formação de professores e o fortalecimento do material didático. Este material, antes disponível apenas para o nível básico, passou por atualização e expansão, compreendendo agora três unidades, específicas para o nível básico, intermediário e avançado.

Em 2021, a Instrução Normativa SME nº 5 colocou o projeto como exceção entre os demais remunerados por meio da Jornada Especial de Hora-Trabalho Excedente - TEX, possibilitando a volta das aulas, dentro dos parâmetros processuais, metodológicos e de carga horária já postas em sua Portaria e de acordo com as orientações sanitárias para funcionamento das Unidades Educacionais durante a pandemia.

O Portas Abertas volta a acontecer então com sua carga horária formada por 90 horas/aula, que se distribuem em dois dias da semana, e cada nível se completa semestralmente. As aulas acontecem preferencialmente no período noturno, considerando que os(as) estudantes são adultos e, muitas vezes, trabalham durante o dia. Mas existe a possibilidade de oferta do projeto no período diurno, flexível com a demanda dos(as) estudantes. As turmas são formadas por 15 a 25 pessoas, que recebem certificação, ao

<sup>2</sup> Informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. Ver: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos\\_humanos/imigrantes\\_e\\_trabalho\\_decente/programas\\_e\\_projetos/portas\\_abertas/](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/programas_e_projetos/portas_abertas/). Acesso em: 26 nov. 2021.

final de cada nível, mediante frequência de 75% ou mais nas aulas.

O curso é desenvolvido por professores da própria Rede Municipal de Ensino, que recebem formação específica sobre o tema e ministram aulas nas turmas do projeto no contraturno. No ano de 2021, buscando fortalecer o projeto nesse contexto de volta às aulas, a Secretaria Municipal de Educação ofereceu, em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, 4 turmas dessa formação inicial, totalizando 200 vagas, distribuídas nos períodos matutino, vespertino e noturno, com a possibilidade de atingir professores que possuem suas jornadas de trabalho em horários diversificados.

Ainda visando ao estímulo do projeto, há, em 2021, a oferta de duas formações continuadas específicas para os(as) professores(as) que passaram pela formação inicial. A primeira, chamada “Migração, Racismo e Xenofobia”, aconteceu em outubro e, a segunda, “O ensino de português para migrantes: estratégias e produção de materiais didáticos”, ocorreu em novembro de 2021<sup>3</sup>. As formações têm por objetivos promover reflexões sobre o combate às diversas formas de discriminação e aprofundar as discussões sobre os materiais didáticos para o ensino de português para migrantes, respectivamente. Além disso, atendem à demanda dos próprios professores(as), que foram consultados(as) neste ano por meio de formulários e reuniões com o Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Atualmente, 11 Unidades Educacionais da Rede, de 8 Diretorias Regionais de Educação diferentes, contam com o projeto: CIEJA Paulo Emílio Vanzolini (CIEJA Cambuci) - DRE Ipiranga; EMEF Desembargador Paulo Colombo Pereira de Queiroz - DRE Campo Limpo; EMEF Arthur Azevedo e EMEF Infante Dom Henrique

(Espaço Bitita) - DRE Penha; CEU EMEF Água Azul e CEU EMEF Jambeiro - DRE Guaianases; EMEFM Vereador Antonio Sampaio - DRE Jaçanã-Tremembé; EMEF Desembargador Arthur Whitaker - DRE Butantã; EMEI Bombeiro José Robson da Costa - DRE Freguesia-Brasilândia; EMEF José Maria Whitaker e EMEF Coelho Neto - DRE São Mateus.

Ao longo do ano, realizamos o acompanhamento das Unidades por meio de reuniões virtuais, nas quais obtivemos informações de grande interesse a serem compartilhadas. Buscamos compreender diversas questões para possibilitar o aprimoramento do projeto: qual a melhor forma de divulgá-lo, como os(as) estudantes chegam até ele, como ocorre a comunicação na dinâmica das aulas, como é a convivência com os(as) demais estudantes da escola, quais ações se mostram mais exitosas, quais são os maiores desafios para os(as) professores(as), entre outras. Pelo relato de professores(as), coordenadores(as) e diretores(as) envolvidos(as) com o projeto, obtivemos os dados e as reflexões a seguir.

Percebemos que é recorrente que um(a) estudante que conhece o Portas Abertas estimule que seus(suas) familiares, vizinhos(as) e conhecidos(as) também façam parte. Isso nos foi relatado pela Gisele Governatori Silva, que leciona no projeto oferecido na EMEI Bombeiro José Robson da Costa, por exemplo. O diretor da Unidade, Francisco de Campos Pacheco, afirmou que, considerando a comunidade já atendida, esperava uma maior quantidade de bolivianos(as) no Portas Abertas, mas foi surpreendido com um número maior de haitianos(as). Considerando que alguns desses estudantes são pais e mães de crianças que frequentam a EMEI, Francisco afirma que o projeto facilita essa comunicação com as famílias, algo tão fundamen-

3 É possível consultar as especificações completas das formações no portal do Núcleo Técnico de Formação, da Secretaria Municipal de Educação: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/coped/ntf/propostas-formativas/>.

tal na Educação Infantil. O próprio diretor tomou a iniciativa de viabilizar o projeto na Unidade, e é significativa a forma como

ele define sua atuação: “O que estamos fazendo não é um trabalho a mais, é o que tem que ser feito”<sup>4</sup>.



Imagem: Acervo da autora

Imagem 1:  
Professora Gisele com sua turma do Projeto Portas Abertas na EMEI Bombeiro José Robson da Costa

Muitos(as) que atuam no projeto relatam o sentimento de gratidão dos(as) migrantes, e recebê-los(as) é bastante significativo para os(as) educadores(as). Ainda assim, é respeitoso reconhecermos essa atuação no sentido de um trabalho que busca garantir direitos à população migrante, como o direito de acesso à educação integral, ao ensino de língua portuguesa e o

respeito à interculturalidade. Dessa forma, combatemos uma visão, por vezes existente no senso comum, de que o poder público “ajuda” ou “faz caridade” à população migrante. A fala de Francisco explicita esse reconhecimento de um trabalho que procura garantir esses direitos tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa para todos e todas.

4 Francisco de Campos Pacheco, diretor da EMEI Bombeiro José Robson da Costa, em depoimento à autora. As demais falas que forem aqui transcritas também ocorreram em depoimentos dados à autora.



Imagem: Acervo da autora

Imagem 2  
Estudantes do Projeto Portas Abertas na EMEI Bombeiro José Robson da Costa em dinâmica sobre lugares que já passaram no Brasil

Ainda procurando entender o acesso dos(as) estudantes ao projeto, observamos que, no caso das Unidades que possuem a Educação para Jovens e Adultos, ocorre com frequência de um(a) estudante do Portas Abertas trazer um(a) amigo ou familiar para a EJA e vice-versa, como nos contou Denise Aparecida Felipe de Abreu (assistente pedagógica educacional do CIEJA Cambuci). Segundo Maria Adélia Gonçalves Ruotolo, diretora da mesma Unidade, a rede de contatos que leva o(a) estudante ao projeto pode ser diversa, exemplificando com o caso de uma estudante que era comerciante no bairro da Unidade e chegou à escola por meio de um funcionário seu que

já frequentava as aulas. Depois, essa estudante trouxe também seu namorado.

Ainda de acordo com Maria Adélia, em 2018, o CIEJA Cambuci chegou a ter 7 turmas de Portas Abertas. Em 2019, também receberam um número expressivo de migrantes. A pandemia representou uma interrupção, entretanto, em 2021, a Unidade voltou a receber essa demanda e conta, atualmente, com 3 turmas do projeto. De acordo com a diretora, nesse novo contexto é mais perceptível uma situação de vulnerabilidade da população migrante, e a escola se organizou para atendê-la da melhor forma possível.



Imagem: Acervo da SME

Imagem 3:  
CIEJA Paulo Emílio Vanzolini - CIEJA Cambuci – que conta, atualmente,  
com três turmas do Projeto Portas Abertas.

Educadores(as) de outras Unidades reconhecem mudanças no público do projeto nesse novo contexto. O CEU Água Azul e o CEU Jambeiro que antes recebiam uma maioria de estudantes de países vizinhos da América Latina, hoje recebem mais nigerianos e haitianos. Gestoras das Unidades relatam ter percebido que, com a pandemia, muitos(as) migrantes retornaram aos seus países de origem.

Alexandre de Campos Lima, coordenador da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, relata um número crescente de estudantes migrantes matriculados no ensino regular da Unidade, muitos sem documentação escolar anterior. Em alguns casos, os(as) responsáveis frequentam o Projeto Portas Abertas. Considerando que a escola está próxima a uma ocupação habitada por migrantes, o coordenador acredita que o número de migrantes poderia ser até maior na Unidade.



Imagens 4 e 5:  
Apresentação da equipe da EMEFM Vereador Antônio Sampaio para os(as) estudantes do Portas Abertas,  
com projeção de slide de boas-vindas em vários idiomas.

É comum que as Unidades que contam com o Portas Abertas trabalhem com o tema das migrações também no ensino regular. Alexandre afirma existir uma forte

presença de angolanos e narra que a presença negra (seja de migrantes ou de brasileiros) trouxe uma identidade para a escola. Diante dessa realidade, a Unidade procura



realizar diversas ações que contemplam a Lei nº 10.639/03, que determina o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Entre essas ações, o coordenador cita a exposição da Enciclopédia Negra, com a reprodução das imagens produzidas por artistas negros(as) para representar diversas personalidades negras cujas biografias foram reunidas na enciclopédia<sup>5</sup>.

É recorrente que mesmo quando a escola não recebe muitos migrantes fora do Portas Abertas, o tema se estende ao ensino regular. É o caso da EMEF Desembargador Arthur

Whitaker, que, além dos estudantes do projeto, recebe apenas 3 migrantes na EJA, nenhum no período diurno. A professora Helena Santos conta que a Unidade expunha as bandeiras dos diversos países para recepcionar os(as) estudantes do Portas Abertas ou em diferentes momentos de realização de alguma atividade do projeto, que acontece no período noturno. Isso chamou atenção das crianças e adolescentes que estudam no diurno, mesmo que elas não tivessem contato direto com os(as) migrantes. Essa curiosidade foi o estímulo para o desenvolvimento de um projeto sobre migrações também no período diurno.



Imagens 6 e 7:  
Estudantes em sala de aula do Projeto Portas Abertas: Português para Imigrantes na EMEF José Maria Whitaker

Imagens: Acervo da autora

A professora Rita de Cassia Caramasqui, da EMEF Arthur Azevedo, salienta a integração entre estudantes brasileiros que frequentam a EJA e estudantes migrantes do projeto na Unidade. Ana Cristina da Silva, da EMEF José Maria Whitaker, destaca a realização de um sarau compartilhado por estudantes da EJA e do projeto, com apresentação de poemas em várias línguas e degustação de comidas e bebidas de várias culturas. Ela conta, por exemplo, que os(as) brasileiros(as) puderam conhecer o “feijão doce” dos(as) venezuelanos(as) e estes(as) a nossa canjica.

A professora relata ainda que muitas vezes o planejamento das aulas é modificado ao longo do percurso, pois algo que é tão habitual para os(as) brasileiros(as) pode se tornar objeto de uma reflexão no contato com os(as) migrantes. Como exemplo, ela cita o sinal da escola, com a música Aquarela do compositor e cantor Toquinho. Algo que fazia parte do cotidiano e que não era objeto de reflexão dos(as) brasileiros(as) que frequentavam a escola chamou atenção dos(as) estudantes do Portas Abertas, que quiseram aprender a canção, entender seu significado,

5 GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lília Moritz. Enciclopédia Negra. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. A produção do livro foi acompanhada por uma exposição das obras artísticas realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre maio e novembro de 2021. Além disso, o material com reprodução das obras circulou de forma itinerante entre as DREs e UEs da Rede Municipal de Ensino.

saber mais sobre o artista, mobilizando então as aulas nesse sentido.

Silvana do Valle Silva Oliveira, diretora do CEU Jambeiro, também valoriza a integração entre estudantes do Portas Abertas e da EJA. Ela nos contou sobre as festividades que aconteciam antes da pandemia, festas culturais com uma variedade de manifestações artísticas, como danças, apresentações de música e poesia em diferentes línguas. Ao falar em festa, logo pensamos em música e comida. De fato, esses dois elementos estão presentes com frequência em atividades nas quais as culturas migrantes são valorizadas. O distanciamento social imposto pela pandemia dificultou a realização dessas ações, mas já surge nos depoimentos de professores do projeto a esperança de retomar atividades festivas e saraus.

Mesmo com o projeto suspenso no ano de 2020, a EMEF Desembargador Arthur Whitaker continuou as aulas com os(as) migrantes à distância. A coordenadora Ana Marília fala da importância da ação para o público que pôde acompanhar as aulas em suas casas e, por vezes, até no transporte, voltando do trabalho. Nessa nova realidade, foi comum que familiares também participassem. O projeto no formato remoto foi nomeado “Janelas Abertas: Chega pra cá, a live é sua!” e recebeu, em 2021, o Prêmio de Educação em Direitos Humanos<sup>6</sup>.

Denise Aparecida Felipe de Abreu, assistente pedagógica do CIEJA Cambuci, afirma que o sarau cultural já era uma tradição da escola. Estudantes do Portas Abertas faziam apresentações para estudantes da EJA e vice-versa. Eram momentos de troca que todos(as) aproveitavam pela oportunidade de conhecer e se divertir, ouvindo, por exemplo, músicas que talvez não tivessem outra oportunidade de ouvir.

Maria Adélia Gonçalves Ruotolo, diretora da Unidade, relata que a localização da escola favoreceu a recepção de migrantes, pois o bairro do Cambuci fica perto da Liberdade, de onde vinham muitos(as) estudantes chineses. Além disso, a escola é vizinha da Missão Paz - instituição filantrópica vinculada aos Missionários de São Carlos, conhecidos também como Scalabrinianos, que atua no acolhimento e apoio a migrantes e pessoas em situação de refúgio desde os anos 1930, na região do Glicério, e que hoje acolhe, principalmente, haitianos(as). Ainda próximo ao CIEJA Cambuci, há uma mesquita que recebe migrantes e refugiados sírios, árabes, egípcios e congolezes.

É significativo que a diretora afirma que por ser migrante já sofreu xenofobia e, por isso, se identifica pessoalmente com o projeto. Maria Adélia manifesta uma intenção de colocar estudantes migrantes em evidência na Unidade, recebendo-os(as) com painéis de acolhimento, com boas-vindas em várias línguas, entre outras ações que fazem com que se sintam queridos(as) e queiram permanecer. Além disso, afirma que não queria que o projeto fosse algo “à parte”, mas sim que fosse algo do CIEJA Cambuci, assim como os(as) estudantes do Portas Abertas devem ser considerados estudantes do CIEJA.

O caso do CIEJA é interessante, pois, em alguns casos, os(as) estudantes fazem parte concomitantemente do projeto e da EJA regular. Em outras Unidades, como na EMEF Paulo Colombo e na EMEF Desembargador Arthur Whitaker, acontece de migrantes começarem no Portas Abertas e depois continuarem na EJA.

Raimundo Mendes Magalhães, diretor da EMEF José Maria Whitaker desde 2017, escola que foi uma das primeiras a iniciar

6 Ver “São Paulo entrega nesta quarta (27) Prêmio de Educação em Direitos Humanos”. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/sao-paulo-entrega-nesta-quarta-27-premio-de-educacao-em-direitos-humanos/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

o Portas Abertas, afirma que a princípio houve uma certa resistência com o projeto. Como ao lado da unidade, em São Mateus, há um Centro Temporário de Acolhimento, já no início receberam venezuelanos(as) em grande quantidade e em situação de grande vulnerabilidade. Com muito diálogo com os(as) servidores(as) da Unidade e com a própria comunidade foi possível vencer a falta de informação inicial sobre a presença dos(as) migrantes, entendê-los como sujeitos portadores de direitos, entre eles o direito à educação.

A escola, que chegou a ter 7 turmas do projeto, hoje tem 3, mas recebe continuamente novos cadastros. Segundo Diego Augusto da Silva Moreira, professor da unidade, o projeto é benéfico tanto para os(as) estudantes que o frequentam quanto para os(as) que convivem com os(as) migrantes na escola. Enquanto os(as) primeiros(as) relatam uma conquista efetiva das habilidades de comunicação em português, facilitando o acesso a trabalho e serviços públicos, os(as) segundos(as) aproveitam a oportunidade de interagir com outras línguas e culturas.


A diretora Maria Adelia narrou também sobre como acontece a comunicação com os(as) estudantes do projeto. Como muitos falam inglês, o fato de o CIEJA Cambuci contar com profissionais que dominam esse idioma facilita o diálogo. Quando os(as) estudantes falam pouco o português, é comum que cheguem acompanhados(as) por alguém que já se comunique no idioma. Ainda assim, em alguns casos, é necessário recorrer aos aplicativos de tradução e também a outros recursos de comunicação, como as mímicas.

Daniela Cavalcanti Gionni Miyazato, assistente pedagógica educacional da unidade, afirmou que o contato por telefone é mais difícil, já que dessa forma outros recursos de comunicação se limitam. “Eu aprendi que não preciso gritar” - ela nos confessou. Essa simples frase nos revela algo muito recorrente, diante da dificulda-

de em nos comunicar com alguém que não fala a mesma língua, tendemos a falar mais alto, porém essa atitude não facilita e pode até dificultar o diálogo, já que a fala gritada muitas vezes repreende e afasta o(a) interlocutor(a). Sendo assim, é mais prudente ter paciência, procurar falar mais devagar e, se possível, recorrer à escrita, às ferramentas de tradução, aos gestos e imagens.


Podemos pensar nesse diálogo entre pessoas que não falam um mesmo idioma não como um obstáculo ou uma impossibilidade que nos amedronta, mas como um desafio e uma oportunidade de novos aprendizados. Pode ser a ocasião, por exemplo, de treinar uma terceira língua, ainda que não seja a materna do(a) estudante nem a nossa, mas da qual conhecemos algumas palavras e expressões, como o inglês ou o espanhol. Pode ser o momento de aperfeiçoarmos nossas habilidades de comunicação. A assistente pedagógica Daniela nos contou também que essas situações renderam momentos divertidos, como quando ela precisou fazer gestos para explicar para um estudante que ele precisava trazer uma foto ou quando ela foi auxiliar uma aluna a utilizar um aplicativo de transporte e percebeu que seu celular estava em árabe.

Natália Ávilla, professora que atua no CEU Jambeiro, conta que seus(suas) estudantes, todos(as) haitianos(as), ensinam-lhe uma palavra em crioulo haitiano a cada final de aula. Eduardo Tadeu Ferreira, professor que atua na EMEF Arthur Azevedo, enfatiza que, no projeto, não é possível pensar em “só ensinar o português”, há outros fatores a serem valorizados na dinâmica das aulas. Ele destaca o diálogo sobre as culturas, sobre as dinâmicas das línguas, as gírias, as formas de falar e tantos outros aspectos que vão



para além da gramática. O professor, que fez a primeira turma de formação para o projeto, afirma que percebe neste ano uma variedade maior de nacionalidades, recebendo estudantes do Líbano, Síria, Iêmen, Bangladesh, Venezuela e Bolívia.

Eduardo relata sobre algumas estratégias utilizadas nas aulas do Portas Abertas que se mostraram bem-sucedidas. Entre elas, para se aproximar dos(as) estudantes, ele contou a história dos seus avós, que vieram para o Brasil há muito tempo. Desconstruir estereótipos também se mostra fundamental. O professor destaca, por exemplo, que não podemos associar as pessoas do Oriente Médio ao terrorismo, ou achar que os(as) migrantes são “coitados(as)”. Essas pessoas podem ser vítimas de diferentes situações de vulnerabilidade, perseguições e guerras, podem ter formação superior ou não, mas também conduziram suas histórias de vida de formas diversas. Em suas palavras: “É importante se interessar pela cultura deles, não se colocar na posição de ‘eu sou professor, estou aqui pra ensinar’. Eles têm muito a ensinar, do idioma, da cultura... Dessa forma, você valoriza a origem e o conhecimento que eles têm”.



Ana Cristina, professora do projeto na EMEF José Maria Whitaker, conta que resolveu fazer parte do projeto ao ouvir a experiência de um colega que trabalhava com ela em outra escola. Ela recorda uma turma com muitos(as) venezuelanos(as) que passavam também por um processo de migração interna no Brasil. Tinham sido assaltados(as) em Roraima, chegaram assustados(as), com poucas

roupas, e o acolhimento da escola foi fundamental. E conclui: “A gente aprende mais do que ensina. Ganhamos uma visão mais humana”.

São exemplos de como o Projeto Portas Abertas proporciona uma relação mais horizontal entre estudantes e professores(as), favorecendo que todos(as) sejam compreendidos(as) como sujeitos de conhecimento. Podemos, citando Paulo Freire, vislumbrar situações de ensino-aprendizagem nas quais não temos mais o(a) educador(a) e o(a) educando(a), mas “educador-educando com educando-educador” (FREIRE, 2018, p. 95). Ou seja, enquanto ensina, esse(a) educador(a) também aprende, ambos(as), educador(a) e educando(a), são sujeitos do processo em que se formam.

Freire afirma ainda que, para a construção do diálogo, é fundamental que o(a) educador(a) reconheça a ignorância em si. Em outras palavras, o(a) professor(a) deve admitir que não sabe tudo, que tem muito a aprender, que não vai “salvar” os(as) estudantes da ignorância, mas que pode com eles(elas) construir algo novo, o que implica identificar seus conhecimentos prévios e lhes atribuir importância. No contexto do ensino de português para migrantes, isso significa reconhecer os significados e a importância das línguas e, em um sentido mais amplo, das culturas trazidas pelo público migrante. E, mais do que isso, não julgar ou tentar classificar essas línguas e culturas em uma hierarquia que tenha a Europa como referência.

Habitamos um país marcado pelo processo de colonização assim como outros da América e de África, continentes de onde provém boa parte dos migrantes que chegam ao Portas Abertas. Os povos que foram colonizados estabeleceram relações diversas com os colonizadores assim como, ainda hoje, as marcas da colonização nessas sociedades, e as reações a eles são variadas. Podemos aprender com essa diversidade sem classificar

determinadas manifestações culturais como inferiores ou superiores. Devemos valorizar o contato com o crioulo haitiano, o quéchua, o aimará, o guarani, “os castelhanos” e “os portugueses” falados em vários países, como Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, citando alguns dos idiomas falados pelos migrantes que chegam ao Portas Abertas.

O contato favorece até um olhar crítico para nossa própria história e cultura, para as diversas formas de falar existentes no Brasil, para o nosso “pretuguês”, como dizia Lélia Gonzalez, referindo-se

ao fato de que o português aqui falado é fortemente marcado pelas influências africana e indígena. Compreender nossa diversidade interna e reconhecer os diversos sotaques entre brasileiros(as) também nos auxilia a acolher as diversas línguas e sotaques dos(as) migrantes internacionais, sem atribuir adjetivos como “melhor” ou “pior”, “certo” ou “errado”. A língua e a forma como falamos diz muito sobre quem somos e temos o direito de querer ser reconhecido(a) e valorizado(a) por sermos nós mesmos(as).

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

SÃO PAULO (Município). Instrução Normativa SME nº 05, de 26 de fevereiro de 2021. Estabelece procedimentos para a aferição e registro da assiduidade dos profissionais em regime de teletrabalho lotados e em exercício nas unidades educacionais e dá outras providências. São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/179-saiu-no-doc/11658-instrucao-normativa-sme-n-05-de-26-02-2021-estabelece-procedimentos-para-a-afericao-e-registro-da-assiduidade-dos-profissionais-em-regime-de-teletrabalho-lotados-e-em-exercicio-nas-unidades-educacionais-e-da-outras-providencias>. Acesso em 03 dez. 2021.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. São Paulo, SP, 2016. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-08-de-julho-de-2016/>. Acesso em 03 dez. 2021.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade**: Povos Migrantes: Orientações Pedagógicas. São Paulo: SME/COPED, 2021.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Portas Abertas**: Português para imigrantes. São Paulo: SME/COPED, 2021. (Projeto Portas Abertas: Curso de Português para Imigrantes).

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade**: Povos Migrantes: Orientações Pedagógicas. São Paulo: SME/COPED, 2021.